



DL-01

Ses. Esp. 20/10/11

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial pela passagem dos 30 anos de morte de Glauber Rocha, proposta por mim, deputado Álvaro Gomes.

Convido para compor a Mesa o professor, jornalista e acadêmico Sr. João Carlos Teixeira Gomes, Joca; o ex-prefeito de Salvador, ex-deputado federal, representando aqui os ex-parlamentares, Sr. Virgildásio Sena; o representante do cinema baiano e brasileiro, Sr. Walter Lima; membro da Academia de Letras da Bahia, Sr. Joacy Góes; professor da UFBa e crítico de cinema, André Cetaro; presidente da Ebal, Sr. Reub Celestino.

Inicialmente assistiremos a apresentação do cantor Fábio Paz.

O Sr. Fábio Paz:- Boa-tarde! É um prazer enorme estar aqui, saúdo essa Mesa em nome do deputado Álvaro Gomes. Fui convidado por Olívia Soares para estar aqui participando. A última vez que aqui estive foi para saudar Ariano Suassuna quando recebeu o Título de Cidadão Baiano. Foi muito emocionante. Hoje, estou feliz de estar aqui para ouvir Joca também, que considero o melhor biógrafo de Glauber Rocha. Como conselheirista, estive fazendo a pós-graduação na PUC- São Paulo, usei muito o seu livro e outros também, mas o dele foi o que mais se aprofundou na questão de Glauber, não só no sertão, como no geral.

Vou cantar uma canção que fala do beato conselheiro, inspirado no próprio Glauber Rocha, que queria dedicar para outro glauberiano que está aqui, Roque Araújo. Uma salva de palmas para ele que participou da maioria dos filmes de Glauber.

(Apresentação musical)

O Sr. Fábio Paz:- Para saudar Joca, esse camarada inspirado, vou cantar alguns trechos do próprio Glauber em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, com Sérgio Ricardo. Está bom, Joca? Essa é para você, ouviu?

(Apresentação do Sr. Fábio Paz)



O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Agradeço ao cantor Fábio Paes por sua apresentação. E aproveito para registrar as presenças de João Eurico Mata, membro da Academia de Letras da Bahia; Climério Almiro dos Reis; Sante Scaldaferrri, artista plástico; Jorge Medauar, advogado e ex-deputado federal; Tuna Espinheira, cineasta; Reub Celestino, presidente da Ebal; Roque Araújo, subgerente da diretoria Audiovisual da Funceb/Secult; Antônio Carlos Santana, assessor de comunicação, representando aqui Dr. Alfredo Boa Sorte, superintendente da Sesab; Carlos Eduardo, representante da Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização; Joselito Abreu, procurador federal aposentado.



2055-I

Ses. Esp. 20/10/11

Or. Álvaro Gomes

Sessão Especial pela Passagem dos 30 anos de morte de Glauber Rocha, proposta pelo Deputado Álvaro Gomes.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Como proponente desta sessão especial, farei uso da palavra neste momento.

O Sr. ÁLVARO GOMES:- Saúdo o nobre professor e jornalista João Carlos Teixeira Gomes, o Joca, maior biógrafo de Glauber Rocha; Virgildásio Sena, ex-prefeito de Salvador e ex-deputado federal, grande liderança; Walter Lima, um dos grandes nomes do cinema baiano e brasileiro; Joaci Góes, membro da Academia de Letras da Bahia; André Setaro, professor da UFBA e crítico de cinema. Enfim, saúdo todas as personalidades, homens, mulheres, lideranças e contemporâneos de Glauber, presentes a esta sessão especial bastante representativa e histórica.

Inicialmente, gostaria de dizer que a Assembleia Legislativa não poderia deixar de fazer esta comemoração para lembrar um grande nome. Para simplificar, vou ler o meu pronunciamento para ganhar tempo e ter mais oportunidade aqui, porque a principal liderança que irá falar e expor sobre a vida de Glauber Rocha, hoje, sem dúvida nenhuma, é o nosso professor Joca, que, logo mais, fará um grande pronunciamento, bastante enriquecedor.

(Lê) “Como bom baiano de Tapiramutá, hoje tenho a grata satisfação e a honra de me incorporar às relevantes homenagens que esta Casa presta, *in memoriam*, aos 30 anos da morte de um baiano ilustre que elevou a patamar superior o nome da Bahia.

Refiro-me ao grande cineasta Glauber Rocha, prematuramente falecido aos 42 anos de idade. Glauber Rocha nasceu em Vitória da Conquista, no dia 14 de março de 1939, mesma cidade em que passou a primeira infância e fez os estudos primários.

Mudou-se com a família para Salvador em 1947, sendo que dois anos depois ingressou no internato do Colégio 2 de Julho. Ainda em 1949, escreve uma peça de teatro, El Hilito de Oro, encenada pelo professor Josué de Castro e protagonizada pelo próprio Glauber.



Deixa a condição de interno em 1950, mas continua com seus estudos no mesmo colégio. Aos 13 anos inicia a atividade de crítico de cinema no programa Cinema em Close-Up, da Rádio Sociedade da Bahia.

Transfere-se, em 1954, para o Colégio Central da Bahia, no qual conclui o curso clássico, período que lhe possibilitou o contato com intelectuais como o professor Germano Machado, dirigente do Círculo de Estudo, Pensamento e Ação (CEPA), e o crítico Walter da Silveira, que animava o Clube de Cinema.

No ano seguinte, passa a dirigir as encenações do grupo "Jogralasca Teatralizações Poéticas", que combinava poesia e teatro.

Juntamente com Calasans Neto, Sante Scaldaferrri, Luís Paulino, Zé Telles, Fernando da Rocha Peres, Florisvaldo Matos, Antônio Guerra Lima e Fred Castro, em 1956 funda a Cooperativa Cinematográfica Yemanjá.

Neste mesmo ano, atua como colaborador no filme "Um Dia na Rampa", curta de Luiz Paulino dos Santos, rodado no Mercado Modelo de Salvador. A partir de 1957, intensifica sua pesquisa cinematográfica.

Glauber Rocha foi um dos integrantes mais importantes do Cinema Novo, movimento iniciado no início dos anos 60. Com o princípio de 'uma câmera na mão e uma idéia na cabeça', deu uma identidade nova ao cinema brasileiro.

Havia uma espécie de esperança de que os povos ditos subdesenvolvidos trouxessem novas perspectivas para o mundo. Nesse contexto, Glauber foi visto como uma espécie de guerreiro intelectual, através de seus 15 filmes.

Trabalhou em produções com outros cineastas brasileiros, como Roberto Pires, Luiz Paulinho e Nelson Pereira dos Santos. Com este último, no filme "Barravento", premiado na Europa e exibido no Festival de Cinema de Nova York.

Em 1963, filmou "Deus e o Diabo na Terra do Sol", seu filme revelação, que concorreu à Palma de Ouro no Festival de Cannes do ano seguinte, perdendo para uma comédia musical francesa.

Apos o golpe militar, Glauber participou da criação da Mapa Filmes, junto com Walter Lima Junior e outros. Em novembro de 1965, foi preso com outros intelectuais,



durante um protesto contra o regime militar em frente ao Hotel Glória, no Rio de Janeiro.

A repressão, entretanto, não inibiu sua veia criativa. Em 1966, por exemplo, filmou o curta 'Maranhão 66', coproduziu 'A Grande Cidade', de Cacá Diegues, e preparou 'Terra em Transe', que chegou a ser proibido, sendo posteriormente liberado sob condições.

Exibido no Festival de Cannes, o filme ganhou os prêmios Luís Buñuel, na Espanha, e o da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica. Foi ainda premiado na Suíça, em Cuba e no Brasil.

Em 1971, inicia um exílio que duraria 5 anos. No Chile, filmou um documentário sobre os brasileiros exilados, que não chegou a ser concluído. No final do ano, viajou para Cuba, onde permaneceu um ano, trabalhando no projeto de 'América Nuestra'.

Em 1981, foi a Paris. Em Sintra, Portugal, adoece de uma pericardite viral. Volta ao Brasil em estado grave. Morre em 22 de agosto, aos 42 anos, sendo velado no Parque Lage, cenário de 'Terra em Transe', em meio a grande comoção.

Crítico, pensador e cineasta, sua obra foi reconhecida internacionalmente. Três décadas depois, continua provocadora e ainda intriga pesquisadores, críticos, cineastas e cinéfilos.

Muito já se falou e se escreveu sobre ele no Brasil e no mundo. Acredito que a atualidade de Glauber Rocha seja inquebrantável. Em parte por seu papel de destaque como cineasta. Mas principalmente como protagonista do cinema político.

Depois de Glauber e do Cinema Novo, muitos filmes políticos foram produzidos no Brasil. Só que não mais um verdadeiro movimento político no cinema como o que ele liderou. Penso que a irreverência e o caráter revolucionário de Glauber estiveram para o cinema assim como esteve Raul Seixas para a música.”

Na realidade, são dois grandes nomes que sempre sonharam, sempre buscaram a construção, com o seu jeito irreverente, ousado, de uma sociedade nova que, efetivamente, respeitasse a todos.

(Lê) “Segundo Arnaldo Jabor, para quem Glauber era a utopia em estado vivo, e que promoveu uma radical revisão na cultura brasileira, ele morreu porque não suportaria ficar nesse mundo globalizado, sem transcendência e utopia.



O saudoso Darcy Ribeiro, num depoimento no cemitério São João Batista, no sepultamento de Glauber, em 23 de agosto de 1981, também expressou bem a alma e os valores do homenageado.

Disse o sociólogo e antropólogo: 'Certa feita, Glauber passou uma manhã abraçado comigo e chorando compulsivamente. Eu custei a entender. Ninguém entendia que Glauber chorava a dor que todos devíamos chorar. A dor de todos os brasileiros. Glauber chorava as crianças com fome, esse País que não deu certo. Chorava a brutalidade, a estupidez. Chorava a mediocridade, a tortura que não suportava. Chorava, chorava, chorava'."

Esse foi o depoimento de Darcy Ribeiro, naturalmente que se referindo à época da ditadura, das torturas, das restrições das liberdades democratas.

(Lê) "Os depoimentos de Jabor e Darcy Ribeiro fazem parte do documentário 'Glauber o filme, Labirinto do Brasil', do cineasta Sílvio Tendler."

Gostaria, neste momento, de dizer a todos os presentes da alegria de aqui estar homenageando Glauber Rocha. Essa homenagem do povo da Bahia a Glauber Rocha significa também um agradecimento particular à sua mãe D. Lúcia, à sua esposa Paula Gaitán, sua filha Paloma e demais membros da família, por estarem à frente da instituição que preserva o seu acervo. Todos esses familiares estão encarregados de cuidar desse rico acervo, o chamado "Templo Glauber".

Essa sessão especial, por sua vez, é um reconhecimento do Legislativo da Bahia por tudo que ele produziu pelo País, notadamente no campo da arte cinematográfica, mas, sobretudo, por ter sido um grande revolucionário.

Vou finalizar considerando que a seguir teremos o privilégio de ouvir o depoimento do maior biógrafo de Glauber Rocha. Refiro-me ao jornalista e escritor João Carlos Teixeira Gomes, o Joca, que, como poucos, conheceu a alma e a natureza de um grande defensor da liberdade de expressão, da diversidade e da democracia, com a certeza de que esta plêiade de amigos pessoais de Glauber Rocha, que forma essa ilustre Mesa, verdadeira memória viva da sua passagem entre nós, tornará, com suas exposições, ainda mais viva a sua obra.



Portanto, a Assembleia Legislativa não poderia deixar de fazer essa homenagem a Glauber Rocha, a Bahia não poderia deixar de prestar essa homenagem 30 anos depois da sua morte porque Glauber não foi apenas um cineasta, Glauber foi um cineasta revolucionário, inquieto, foi um cineasta irreverente. Eu vim com uma gravata *à la* Glauber Rocha, gravata irreverente também. Glauber Rocha foi, realmente, um revolucionário que acreditou na mudança, que acreditou no sonho, que lutou, que sempre se incomodou com aquele estado de coisas que via naquele momento.

A Assembleia Legislativa faz, portanto, essa justa homenagem, encerrando dizendo: Glauber vive! Viva Glauber! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



2056

Ses. Esp. 20/10/11

Or. João Carlos Gomes

Sessão Especial pela Passagem dos 30 anos de morte de Glauber Rocha, proposta pelo Deputado Álvaro Gomes.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Convido o Sr. Roque Araújo para compor a Mesa, cineasta gerente da Dimas, e parceiro de Glauber em seis filmes.

Registro a presença de Moacir Vidal, presidente da Femicro, Federação das Microempresas do Estado da Bahia; Celene Fonseca, antropóloga e pesquisadora; Geraldo Machado, superintendente do Senar; Coronel Mansur; Antônio Guerra Lima, ex-procurador geral do Estado e amigo de Glauber; Adriano Ribeiro, jornalista; Lúcia Jacobina Mesquita; Lucas Almeida; Ibert Moreira; Nilton Sobral. Depois anuncio as demais personalidades.

Agora com a palavra, Joca, que vai nos ensinar muito e fazer uma bela exposição.

O Sr. JOÃO CARLOS GOMES:- Depois que entrei no recinto da Assembleia e vi a gravata do deputado Álvaro Gomes, eu disse: “O lugar é solene, mas não podemos fazer uma solenidade, porque isso fugiria ao espírito “glauberiano.” Vocês notaram a gravata dele? Viram a gravata dele? É exatamente uma gravata “glauberiana,” criativa, frenética, vulcânica. Parabéns, deputado, ela se ajusta perfeitamente ao espírito de Glauber.

Depois de uma exposição tão brilhante e detalhada sobre a vida de Glauber, vacilo muito, às vezes, em falar desse grande homem e de como isso não se ajusta, meus bons amigos, à ideia de Glauber. Ele não foi um grande homem no sentido tradicional, mas, sim, uma figura extraordinária pela capacidade de amar o Brasil, pelo impulso criativo sem limites, transbordante, pelo amor ao mundo, pelo amor às mulheres, pelo amor ao cinema como instrumento de captação e transfiguração da realidade brasileira capaz de levar esse amálgama cultural notável que é o nosso Brasil, do qual devemos nos orgulhar sempre para o mundo inteiro.

Na década de 70, Glauber era o intelectual do 3º mundo mais conhecido e mais prestigiado, com fama particular na Itália e na França. É uma emoção para mim imensa contemplar essa plateia constituída de tantos queridos amigos, vários dos quais



remanescentes da época gloriosa do Colégio Central da Bahia, da experiência brilhante do jornalismo consubstanciado no Jornal da Bahia que Glauber Rocha ajudou a fundar. Dentre os múltiplos caminhos criativos que ele enveredou, ele foi também um grande jornalista e um fundador de jornais.

Não faria agora nenhuma referência explícita a nenhum amigo ou amiga – não só as que conheço há algum tempo, como também as novinhas, as princesinhas lindas que conheci a pouco tempo Larissa e Letícia -, mas não posso deixar de fazer uma referência emocionada ao meu querido amigo, que conheci com dois ou três anos, Climério Almiro dos Reis que está ali sentado e para o qual peço uma salva de palmas. (Palmas) Ele é torcedor do Galícia! Um amigo e figura excepcional, uma amizade sólida e cada vez maior que tem resistido a todos esses anos.

Não gosto de ler, mas tenho uma tendência baiana, barroca, “glauberiana” para o transbordamento e achei que escrevendo me policiaria mais do que falando. Eu posso falar horas intermináveis, e isso seria cansativo. Lerei algumas palavras, depois da brilhante exposição do deputado que fez uma síntese magistral da vida de Glauber. Acredito que poucas pessoas seriam capazes de sintetizar, com tanto brilhantismo e propriedade, o que é essencial à vida de Glauber em um texto tão informativo e fiel. Por isso, lerei algumas coisas e farei algumas digressões. Peço desculpas pelas digressões, mas elas serão inevitáveis, porque tenho, aqui, coisas interessantes que precisam ser ditas extratexto. Glauber vive.

(Lê) “Quero agradecer à Assembleia Legislativa da Bahia, por iniciativa do Deputado Álvaro Gomes, a oportunidade de comparecer à sua tribuna para falar sobre a trajetória de Glauber Rocha, lembrando que as casas políticas se engrandecem quando preservam o legado dos homens da cultura e suas realizações.

Publiquei em 1997 uma alentada biografia sobre o nosso homenageado de hoje, não tanto por ter tido o privilégio de uma intensa convivência pessoal com o cineasta, mas, sobretudo, pela consciência do relevante papel que ele desempenhou como realizador cinematográfico e também como apaixonado estudioso da realidade brasileira. Por este duplo aspecto, foi um intelectual inigualável.



Não sou um especialista em cinema, mas há um precedente familiar que me credencia para lidar com o assunto: afinal, com orgulho, gostaria de lembrar que sou neto do grande exibidor João Oliveira, que, no final da década de 30, doou a Salvador uma das mais belas e bem aparelhadas casas de espetáculos do Brasil, o cine-teatro Jandaia, que o tempo e a desídia dos homens transformaram em ruínas. Esse suntuoso anfiteatro coroava todo o longo trabalho pioneiro que o sergipano João Oliveira realizou na Bahia, com o duplo sacrifício da sua saúde e da sua fortuna, que ele exauriu sem reclamar.”

Recentemente, para minha vergonha e minha tristeza, o cinema já não era da família há muito tempo, o jornal Metrópole publicou essa coisa espantosa que é hoje o Cine-teatro Jandaia, a edição é recente. Fico perplexo de ver como uma cidade como Salvador, com suas tradições culturais, deixa que uma casa de espetáculo dessa, tudo trazido inclusive da França, nas décadas de 30 e 40, coisas que não existem no Brasil, chegassem a esse nível de ruínas. Isso não recomenda o governo, a prefeitura da Bahia, as nossas instituições culturais. Está aqui: Estrela esquecida, cine-teatro Jandaia. Por que tudo na Bahia tem que ser abandonado? Acho a pergunta de Mário Kertész extremamente oportuna.

(Lê) “Escolhi para as presentes considerações o título "Glauber Vive", em comum acordo com a minha amiga, a jornalista Olívia Soares, porque nenhum outro expressaria melhor a realidade da permanência do legado glauberiano. Escreveu o romancista Guimarães Rosa Guimarães Rosa que as pessoas não morrem, ficam encantadas. Não é bem assim. Encantados ficam os seres mágicos, nascidos da prodigiosa imaginação dos homens. Mas os artistas vivem. Continuam vivendo. Vivem nas suas obras, nas mensagens transcendentais que deixam para a posteridade. É deles a voz poderosa que ressoa para todo o sempre, irradiando-se das obras de arte, quaisquer que sejam, como herança perene do talento e do gênio criador.

A voz artística de Glauber Rocha se prolonga em seu discurso de cineasta e nos textos dos seus ensaios críticos, nos filmes e nos livros que elaborou, dotado do duplo poder da imagem, que gera o movimento, êmula da vida, e da palavra, que pereniza o momento que passa.

É a voz de um brasileiro que amava como poucos a sua terra e usou o dom do cinema e da escrita para entendê-la e interpretá-la.



Costumo destacar essa dupla direção por ter verificado, em minhas reflexões sobre os caminhos artísticos de Glauber, que, no senso comum e mesmo para alguns especialistas, o Glauber cineasta sobrepõe-se ao Glauber escritor e ensaísta, quando, na verdade, os dois se articulam e se completam, no amálgama de uma criatividade excepcional e transbordante.

Muito se tem escrito sobre Glauber Rocha, e não raro de uma maneira leviana ou inadequada. O fato de ter sido um criador temperamental inspira por vezes uma avaliação superficial dos seus dons e da sua conduta pessoal. Ainda há pouco li em jornais do Rio e São Paulo, comentando-se recente lançamento de um livro sobre os primeiros anos de Glauber, como se uma vida pudesse ser seccionada, quando é sempre uma realidade contínua, orgânica e inconsútil, que o nosso cineasta era um "tresloucado", um criador apenas impulsivo e descontrolado, um artista que não conseguia domar o próprio talento. É verdade que havia na rica personalidade de Glauber Rocha uma tendência para o transbordamento, o cultivo da visão do grandioso e do incomum, as generosas pulsões que o faziam sempre amplificar o sentimento da vida e do amor, a incomparável ventura de estar-no-mundo e de ter recebido o privilégio de expressar-se artisticamente. Tratava-se, enfim, de uma inteligência luminosa e de uma sensibilidade de exceção. Daí, porém, a se considerar que toda essa substância anímica gerava um ser desequilibrado ou puramente arrebatado, um "tresloucado", em suma, como destacou um jornal paulista em manchete, é incorrer numa avaliação superficial e danosa, que em nada ajuda a exata compreensão da personalidade ou dos processos criativos de um analista racional e lúcido, embora apaixonado, da realidade brasileira.

Na biografia que escrevi do meu amigo, deixei claro, através do depoimento de um dos seus companheiros de geração no Rio e sócio de um empreendimento cinematográfico, o quanto ele se revelava responsável, metuculoso e articulado na condução dos negócios da empresa.

Combater a falsa informação, o julgamento incorreto ou impreciso, não significa uma atitude de favorecimento, mas de rigor crítico. Se é certo que Glauber tinha uma propensão para o exagero, isso decorria do fato de que vivia cultivando ideias grandiosas e por isso queria expressá-las de forma audaciosa e revolucionária. No fim da vida, uma



sucessão de contrariedades no plano político, artístico e pessoal contribuiria para que seus críticos o apontassem como um desequilibrado, quando apenas reagia contra situações emocionais desfavoráveis, que apressaram a sua ruína física e o levaram à morte...”

Vou ler um trecho de Glauber Rocha, esse revolucionário congênito, ele nasceu revolucionário. Com 14 anos de idade já revolucionava o Colégio Central com ideias que nenhum colega tinha ou sequer pensava: “Nosso cinema é novo porque o homem brasileiro é novo...” – crença no Brasil profunda, o amor total – “(...) E a problemática no Brasil é nova e nossa luz é nova, e por isso nossos filmes nascem diferentes dos filmes da Europa”.

Todo um projeto de cinema está aqui estabelecido. Fazer um cinema diferente do cinema europeu. Ele não acrescentou, mas diferente também do cinema de Hollywood que ele combateu energicamente porque era um cinema de dominação cultural. Como é até hoje no mundo todo. Isso foi escrito por Glauber em 1962, meditem sobre esse texto glauberiano.

Eu falei aqui do desgaste emocional de Glauber, e este é um trecho importante, porque seria um êxito da minha conversa – isto aqui não é uma palestra, mas um conversa – deixar claro para vocês que ele não era, obviamente, um tresloucado. Vocês vão continuar lendo essas expressões, sobretudo por parte de críticos de cinema do Rio de Janeiro e São Paulo, que não têm nada a ver com Glauber, que não têm nada a ver com a Bahia, que tratam a nossa terra apenas com a terra do coco, do acarajé e da música axé. A Bahia é muito mais do que isso, com todas as suas tradições.

Mas este texto aqui é muito significativo, e vocês devem refletir sobre ele. Mostra a revista *Cult*, deste ano, Glauber numa atitude triste, sombria, amargurada. Por isso vou ler: (lê) “Extenuado na sua cruzada em prol do cinema brasileiro e profundamente magoado com a hostilidade de que foi vítima em seu próprio País, o baiano de Vitória da Conquista, paulatinamente, perdeu suas forças...” – escutem isso, é muito importante – “(...) e adoeceu seriamente no ano seguinte”. Disseram, inclusive, que ele morreu de AIDS. Isso é uma mentira.

Fiz uma pesquisa profunda e consultei anotações de 1997, um dos maiores imunologista da época em que Glauber morreu, e todos descartaram a possibilidade de ele ter morrido de AIDS. Mas isso já era parte do processo de desmoralização da figura de Glauber



e foi desencadeado o processo, sobretudo, no Rio e São Paulo. Não tem nada a ver com a cultura da Bahia, nem respeitam a cultura baiana.

O que Glauber sofreu mais no Brasil foi com o patrulhamento ideológico, a rejeição, os ataques pessoais e mesquinhos, ataques da pior categoria. Eis o que diz a revista do Sul. Os ataques eram da pior categoria e atingiam Glauber, inclusive, no plano pessoal.

Digo que esse clima que vocês viram aqui na revista não foi meu, a revista *Cut* publicou e vocês ouviram atentamente. E esse clima levou Glauber à ruína física e à morte. Fim de Glauber.

Isso não é uma exposição didática, nem palestra, nem conversa. Na maior parte da sua vida, entretanto, Glauber, foi um companheiro afetuoso e solidário. O grande professor Mata, que teve um papel fundamental na Geração Mapa, um líder intelectual da geração e está ali sentado, conheceu Glauber de perto e sei, estou convicto de que concordará com essas palavras.

No auge da fama e consagrado na Europa, na década de 70, como o mais completo intelectual do Terceiro Mundo... O jovem Glauber não era da América Latina, e sim do Terceiro Mundo. Meditem, pensem no que estou dizendo, Glauber, hoje, está esquecido, levaram muito tempo esquecendo Glauber.

Depois, deram a ele um cinema com o seu nome, aqui na Bahia. Depois de um prolongado esquecimento e omissão, agora há o livro do Nelson Mota, que, pela publicidade e oriundo de um rapaz enfronhado com a imprensa do Rio e São Paulo, voltaram a se lembrar de Glauber.

No auge, portanto, da sua fama como o mais completo intelectual do Terceiro Mundo, notadamente na França e na Itália, apresentou a sua famosa tese sobre a *Estética da Fome* de um país com fome, radiografia do subdesenvolvido, na década de 70, que gemia nos filmes como um grito de desespero. Por isso tudo, o filme de Glauber tem aquela substância frenética de protesto contra a miséria, contra o subdesenvolvimento, contra a alienação política, *Terra em Transe*.

Costumava telefonar e escrever para os amigos da Bahia e do Brasil para saber o que faziam das suas vidas. Por tudo se interessava, desde a atividade profissional aos



casamentos. Cheio de aconselhamentos e observações, raramente, as suas cartas, datilografadas com imperfeição e repletas de desenhos e rasuras, levavam assinatura.

Era um entusiasta da vida familiar, esse homem que amou tantas mulheres, inclusive de nacionalidades diferentes,...” – era quase uma ONU – “...mas que era incapaz de utilizar-se das facilidades da profissão para as conquistas amorosas.”

O meio de cinema e teatro facilita. Não estou condenando. É uma verificação normal. Não sou moralista.

(Lê) “Atrizes famosas que com ele trabalharam, como, por exemplo, Odete Lara...” – no livro de memórias dela – “...e Ana Maria Magalhães,...” – numa carta – “...deixaram depoimentos definitivos sobre a lisura e o respeito profissional com que as tratava. Isto não impedia que fosse um entusiasta da beleza do sexo feminino e repetia sempre: 'As mulheres são seres maravilhosos!' E por isto, muitas foram as que mereceram o seu amor. A sua formação presbiteriana não o impedia de ser um passional na relação amorosa. Entregava-se por completo e exigia absoluta entrega.

Como amigo, era loquaz, sempre propenso a infundáveis conversas. Gostava de longos passeios noturnos pelas ruas históricas da velha Bahia, notadamente pelas vielas coloniais...” – absolutamente seguras – “...do Pelourinho, em cujos passeios nos sentamos inúmeras vezes para ouvi-lo falar sobre arte, literatura e seus projetos cinematográficos, tão cedo iniciados, depois de experiências infantis e juvenis com o teatro.”

Era a vocação original de Glauber ser ator ou autor de teatro. Inclusive, no Colégio Central, ele escreveu um embrião de peça de teatro, para espanto dos colegas, chamada *Céfano e o Diabo*. Era um embrião de peça de teatro e um trabalho que o professor de Português, um padre que usava trabuco debaixo da batina, pois era político no interior, passou como trabalho escolar. E ele levou um embrião da peça que estava escrevendo. Vejam o nome.

Os filmes de Glauber têm nomes característicos e marcantes na cultura brasileira, não só no teatro e no cinema: *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro* e a peça *Céfano e o Diabo*. Ele impactou toda a sala com a leitura,



que era dramática, cheia de expressões teatrais no rosto, ele, que estava, na época, com 17 anos.

(Lê) “A atmosfera barroca e a tranquilidade das zonas antigas do burgo de Tomé de Souza nos levavam à suspensão do tempo, à perda das horas corridas e invadíamos as madrugadas...” – Guerra Lima está ali também – Sante, para, não raro, vermos o sol dourando aos poucos as bandas de Itaparica a contemplar o mar imenso nas amuradas do Elevador Lacerda. Quantas vezes ficamos olhando o dia nascer dali, toda a turma. Assim era Glauber, todo o meu esforço era mostrar quem era Glauber antes que a fama de cineasta o levasse pelos caminhos do mundo.

Desde jovem, um líder nascido para o comando, tão acima dos seus companheiros de geração, na Bahia ou no Rio, pela efervescência das ideias, a amplitude dos conhecimentos e a paixão com que se lançava à realização dos seus planos artísticos. Um guerreiro!

Em Salvador, no Colégio Central, tornou-se o expoente da “Geração Mapa” - Fred Souza Castro está ali também também - congregando jovens colegas para lançar no palco do estabelecimento encenações de poesia.

O deputado Álvaro Gomes falou das “Jogrescas”. O que eram as “Jogrescas”? Pegar poemas de autores modernistas, porque a Bahia não lia naquela época, e levar para o palco. Quando se fala em teatralização de poesia, os críticos usam uma linguagem pedante, pernicioso, eu não gosto dessas coisas. O que é teatralizar a poesia? É botar a poesia no teatro. Transformar um texto poético de Drummond, de Vinícius, que vocês amam tanto a música popular de Vinícius, pegar um poema de Vinícius e levar para o palco. O nosso Sante Scaldaferrri ali participou tanto disso, o nosso Waltinho Queiroz, que fez uma belíssima música para filme de Glauber, a grande figura de Waltinho de quem me lembrei tanto agora, em Odessa, depois direi por quê. Grande Waltinho Queiroz está ali.

Então, meus amigos, era levar ideia genial; pegar trechos de poesia que ninguém lia e levar para o palco do teatro Central. Foi uma coisa fantástica, foi um encanto para todo mundo.



Havia um poema de Cecília Meireles que falava de um leproso que era indignado por ser leproso e indagava à Virgem Maria por que ela o deixou ser leproso. Evidentemente, ela tinha expressões de ira. Uma professora religiosa tomou isso com o ofensa à Virgem Maria e começou um movimento para proibir, e conseguiu, os espetáculos, as “Jogralescas”. Era isso a Bahia daquele tempo. Mas a turma reagiu e levou o espetáculo para um teatro na Barra.

No Rio, liderou um grupo de aspirantes à direção cinematográfica para lançar os fundamentos do “Cinema Novo”. Vocês não sabem o que significou isso. Quando Glauber chegou ao Rio com aquelas ideias revolucionárias causou um impacto terrível, porque ele estava muito acima de toda a geração que fez o “Cinema Novo” pela cultura cinematográfica que ele absorveu lendo um rapaz nascido em Vitória da Conquista, uma terra que nem tinha cinema praticamente, os grandes teóricos do cinema, os grandes nomes da época que ele leu, absorveu para elaborar a teoria do cinema brasileiro com fundamento na experiência dos teóricos, os grandes teóricos do cinema universal. Tudo isso é uma coisa espantosa!

É preciso ter a consciência do valor e da importância dos nossos vultos culturais que são nomes para serem registrados apenas nos livros, de um modo geral incompletos, de literatura brasileira de curso secundário, mas é preciso ter a consciência profunda do papel cultural que eles exerceram.

Em Salvador, no Colégio Central, eu já disse, tornou-se um expoente da “Geração Mapa”. E no Rio, lançou os fundamentos do “Cinema Novo”, cuja importância histórica é ressaltada como um dos momentos fundamentais do cinema brasileiro. Quem diz isso não sou eu, está aí em todo e qualquer lugar.

Difícilmente essas etapas alcançariam o grau de sucesso e a repercussão que obtiveram na Bahia e no Rio, irradiando-se para o Brasil, sem a presença de Glauber Rocha.

É preciso, pois - é importante esse trecho - desconstruir a crosta do anedotário que se formou ao longo dos anos sobre a conduta de Glauber. Desconstruir a crosta do anedotário para vê-lo como ele essencialmente foi, o maior intérprete da realidade brasileira no cinema, o grande pesquisador do Brasil e do sofrimento do homem do interior. O artista que, antes de se lançar como diretor de cinema, estudou profundamente o que era o Brasil em livros de



sociologia e ficção, notadamente em autores como Gilberto Freyre e José Lins do Rego.

Enfim, o teórico que se aprofundou na obra dos grandes realizadores internacionais para elaborar a sua Teoria do Cinema Brasileiro Revolucionário, sem a habitual dependência das culturas periféricas. Deputado, essa palavra estava tão em uso na década de 70, culturas periféricas, as culturas da periferia, que não iam à essência, do Terceiro Mundo sofrido, explorado, ao que se produzia e se produz nos centros artísticos mais adiantados.

Não gosto de usar a imagem de Davi e Golias, Glauber lutando contra o cinema de Hollywood. Porque depois que eu li em Voltaire o que era o Rei Davi, para mim ele deixou de ser herói para ser um bandidão. Quem quiser saber quem era o Rei Davi, leia o dicionário filosófico de Voltaire, no verbete Davi. É preciso dizer a verdade sempre que a oportunidade se apresenta. Há muita mistificação na informação cultural:

(Lê) “Posso dar o melhor dos testemunhos sobre a fidelidade e a adesão de Glauber Rocha a um projeto essencialmente brasileiro de arte cinematográfica, pelo fato de ter sido o amigo escolhido para acompanhá-lo, em 1958, ao Nordeste, Sergipe, Alagoas e Pernambuco, em viagem de estudos que durou cerca de um mês.”

Houve um terrível acidente de ônibus onde eu quase morri e Glauber não teve nada. É um fato que é preciso contar porque mostra a vocação de Glauber, a aderência de Glauber, a paixão de Glauber pelo cinema.

Saí estropiado do ônibus, que ficou completamente devastado. As cadeiras saíram do lugar, as poltronas acabadas, tomei uma pancada violentíssima na cabeça, enfiei o dedo num caco de vidro tremendo e saí gritando. Quando eu estava saindo, Glauber já estava na porta da lotação sem ter tido nada, olhou para mim e disse: “Mas que expressão belíssima, que maravilha, faça mais para eu filmar! (Risos) Fez a posição de uma câmera cinematográfica, e eu, com o dedo ferido, tive de ser levado para um hospital. Há uma foto no livro do rapaz do Rio que mostra quando fui lesionado. E Glauber achando que devia me filmar. Eu quase quebrei a perna porque fiz uma expressão dramática. Não é uma brincadeira isso, não. Vocês devem refletir! Esse homem tinha o cinema na consciência, na alma, nos poros, em toda a personalidade dele e em todos os momentos da vida. Não sei como ele não teve nada no desastre, eu que paguei o pato.



“Não era, pois, um intelectual livresco.” O que é intelectual livresco? Ele foi para Sergipe, Alagoas e Pernambuco estudar a realidade do nordestino. Não gostava só de livros, não, não era essa coisa de ler um livro para fazer um filme, não era isso, não! “Queria apreender e analisar a nossa realidade como um pesquisador de campo, estudando-a no próprio local em que ela nascia e fermentava.” Por isso os filmes “Deus e o Diabo na Terra do Sol” e o “Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro”, toda a filmografia de Glauber está prenhe, grávida da realidade nordestina.

“Tendo convivido com a realidade rural de Vitória da Conquista, onde nasceu, Glauber foi até o fim da sua vida um intelectual obcecado com a vida do homem interiorano, com a vida do homem do interior. E os percalços da sua existência, lutando para sobreviver no meio áspero e abandonado pelos governos.”

Outra obsessão dos filmes de Glauber mostrar essa realidade do sofrimento desassistido.

“Se começa a filmar preocupado com a saga dos pescadores baianos, como nos revelou em “Barravento”, logo se fez o maior intérprete da vida nordestina em filmes clássicos como “ Deus e o Diabo na Terra do Sol” e o “ Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro”.

Na minha percepção, os maiores filmes de Glauber. Mas isso é uma visão pessoal, não é profundamente um estudioso do cinema..

“Em anos se sedimentam...”

Jovens e lindas meninas que estão começando a ouvir falar em Glauber agora, mais profundamente, porque muitos jovens não viram os filmes de Glauber - embora lançados em DVD, até estão caros, deveriam ser mais baratos.

“(...) se sedimentam os temas que o empolgaram...”

Ele queria ser um cineasta popular, do cineclube, embora devesse muito a Walter da Silveira. Meus parabéns pela referência magnífica a esse grande homem da Bahia, para o qual eu peço uma salva de palmas - Walter da Silveira. (Palmas)

Não podemos esquecer essas figuras maravilhosas da nossa cultura. Morreu até prematuramente também, mas fez tanto, fundou um clube de cinema na Bahia, os maiores



clássicos do cinema universal, na década de 50 passavam aqui na Bahia. Ou a interpretação, a análise crítica para um público leigo, heterogêneo.

Ele dissecava para todo mundo essas coisas maravilhosas. Hoje não existe mais isso na Bahia, Walter da Silveira, uma figura excepcional. O deputado foi brilhante ao fazer a referência.

“O banditismo gerado pelo cangaço, o êxodo provocado pela seca (o êxodo, a seca, o Nordeste), as dificuldades da vida no cultivo da terra pobre e sobre as limitações do latifúndio. A evasão pela religiosidade fanática e alienante.”

Isso é um dado importante em Glauber, porque ele era presbiteriano, mas ele não gostava da religião como instrumento de alienação do homem, não, ele achava que a religião não podia ser usada, não era influência da tese leninista de que a religião era o ópio do povo. Ele aprendeu no interior, de certa forma que era, mas não era Lênin na cabeça, era a visão da realidade do cangaço, do homem pobre do interior querendo fugir, a evasão pela miséria da terra, que não lhe dava nada e o expulsava. Por isso ele achava que a religião podia ser pela ação dos beatos do interior, que ele retrata nos filmes dele tão magnificamente, um instrumento de fuga da realidade. E ele queria o combate revolucionário. Por isso foi para Cuba. Em alguma coisa Glauber se equivocou, mas foi para Cuba certo de que o caminho da América Latina era uma revolução pelas armas.

“As dificuldades da vida no cultivo da terra pobre e suas limitações latifundiárias, a evasão pela religiosidade fanática e alienante, o desespero impotente das populações deserdadas. Tudo, enfim, que como leitor atento Glauber, meticulosamente, estudou nos romances de José Lins do Rego, importantíssimo destacar isso. Ele leu todos os romances. Lia para a gente no apartamento dele dos Barris trechos dos romances, com a voz bonita que ele tinha, de barítono, ele tinha uma voz abaritonada como Ubaldo tem. Lia trechos e trechos dos romances de José Lins do Rego, como lia também as poesias de Castro Alves, com quem se identificava tanto. Inclusive nasceram ambos no dia 14 de março, ele via na vida de Castro Alves a antevisão da vida dele, morreu no mês de março, como Castro Alves.

Mas eu omiti aqui um trecho importantíssimo, pequeno, omiti quando eu falava do Pelourinho.



Eu quero ler este trecho aqui que é muito pequeno; às vezes nas caminhadas noturnas, ele começava a cantar hinos, cantava, aprendidos nos cultos presbiterianos. Ele, Glauber, cantava. Mais uma vez eu o vi entoando aquele que diz: “alvo mais que a neve”. E cantava fazendo exatamente essa inflexão que emocionava a todo mundo que o ouvia: “alvo mais que a neve.” A alma do homem dever ser mais alva do que a neve. Acreditava nessa ilusão. Tinha a voz forte e abaritonada, mas grave quando recitava poemas, não podia deixar de lembrar isso.

Tudo, enfim, o que Gláuber aprendeu nos romances de José Lins do Rego, fantástico e foi estudar, na realidade, do Nordeste, na viagem que fez em 58, base da sua filmografia no conjunto dos seus filmes a partir daí.

Mas não devo alongar-me, até mesmo para não cansar o auditório, isso é que é importante. É óbvio que nem tudo pode ser dito num espaço de uma conversa, nem era esse o nosso propósito. Fizemos, sobretudo, com este registro, associarmos a iniciativa da Assembleia Legislativa da Bahia, do deputado Álvaro, para homenagear a memória e o legado de um dos filhos mais talentosos e criativos da nossa terra, cuja galeria de nomes excepcionais enriqueceu ao lado de Gregório de Matos, Castro Alves, Ruy Barbosa, Otávio Mangabeira, Jorge Amado e Dorival Caymmi.

A vida de um estado ou de uma nação não se constrói com excepcionalidades, mas não há dúvida de que os grandes nomes serão sempre pontos luminosos de referência no destino comum dos povos que honraram ou engrandeceram com sua obra ou seu exemplo.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



2057-I

Ses. Esp. 20/10/11

Or. Antônio Guerra Lima

Sessão Especial pela Passagem dos 30 anos de morte de Glauber Rocha, proposta pelo Deputado Álvaro Gomes.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Quero registrar a presença da vereadora Olívia Santana, registrar a presença de Marcos Pierre, crítico, assessor de comunicação, Walter Queiroz, já registrei a presença, Iara Nobre, coordenadora da Unegro, vereadora Olívia Santana, já registrei, convido para compor a Mesa, não quer; Manoel Carvalho Cruz, Eduardo Domingos, Fernando Bezerra, delegado da Polícia Federal, ex-superintendente da Polícia Federal. Está em duplicidade alguns registros. Marcos Pierre, Nilton Sobral, João Paulo Gomes, Robson Freitas, Nelson Brito, Lourenço Muller, arquiteto, Tómas Monte, Emanuel Silva, Antônio Guerra Lima, amigo da geração de Gláuber, Antônio Nelson Lopes, jornalista, Nilton Pádua, Luiz Carlos Facó, Iezu Landim, Larissa Andrade, Verena Drib, amiga de Joca, Débora Lima, diretora de projeto, José Carlos Martinez, Cátia Jordan, Ângelo Roberto, Manoel de Carvalho, Letícia Andrade, Maria Geína R. Mota.

Passar a palavra a Antônio Guerra Lima para que faça algumas considerações, depois franquear a palavra para a mesa, tem Roque que já se inscreveu.

Concedo a palavra a Antônio Guerra Lima. (Palmas)

O Sr. ANTÔNIO GUERRA LIMA:- Deputado Álvaro, eu tenho fama de apressado. Mas hoje fiz de propósito, porque não quero debater a conversa de Joca, ao contrário, aplaudi-la, porque foi muito boa.

Mas lendo a faixa que anuncia a homenagem a Glauber, lembrei de um livro de Paulo Coelho Chagas, ex-ministro da saúde, segundo o qual as ideias não morrem. Então, a primeira vez que me senti, digamos assim, autorizado, porque sou findo por natureza, porque toda conferência que vejo sobre Glauber só se ressaltam as qualidades intelectuais com as quais eu convivi. E é difícil você perceber o gênio quando você é contemporâneo dele. Quando você é contemporâneo de gênio você examina mais as qualidades humanas dele, o coleguismo.



Estou aqui vendo Frederico Sobral, Santé, o próprio Joca, não há um dessa geração na Bahia que não tenha tido o privilégio da amizade de Glauber e a ajuda dele nas horas necessárias. Glauber, sobretudo, era humano, amigo, e não era oba-oba. Glauber chegava numa reunião dessas, qualquer reunião, fosse uma reunião de bar, a conversa era agradável, não era exibicionista. Todos que aqui vieram a Salvador, como Luiz Carlos Maciel, chegava aqui e não tinha onde se hospedar, Glauber levava para a casa dele; Jomar de Brito e vários, inclusive eu, passamos necessidade determinadas épocas. Fiquei hospedado na casa de dona Lúcia por alguns meses sem pagar.

Naquela época não havia iniciativa, na Bahia, que não contasse com a liderança e articulação de Glauber. Joca falou na fundação do *Jornal da Bahia*, sim, mas quem articulou, através de Ariovaldo Matos toda a equipe que consagrou Joca foi Glauber, quem foi convidado para articular a equipe foi Glauber.

Então, eu me refiro com emoção porque eu só vi num livro de Zuenir Ventura dizer que Glauber era, sobretudo, um homem generoso, olha bem! Então, lembrei disso: ideias não morrem. As ideias não morrem em homens que têm ideais. Mas o que ele fez de amizade, de intimidade, esse homem morre porque só deixa para você a saudade.

A minha interferência é só para pedir a esses amigos de Glauber que quando se referirem a ele aprofundem a pesquisa para saber quem era Glauber. Glauber no Hotel da Bahia, no Colégio Central, quando houve uma expulsão de dois colegas que se beijaram, foram flagrados se beijando. Glauber articulou uma greve e fizemos uma greve em favor do direito do beijo.

Glauber era, sobretudo, em qualquer assembleia política, o orador de destaque e Glauber não era só cineasta, não. Há um livro de Glauber chamado “Carta de Glauber ao mundo”. Neste livro, há uma carta dele a Joca, dizendo, “Joca, estou aqui na merda. Você me arranje com João Falcão um emprego de correspondente do jornal aqui na Europa, que vou brilhar com o jornal e diga a Guerrinha que vá acumulando dinheiro, porque vou voltar para a Bahia, para ser candidato a governador e quero que ele financie minha campanha”.

Então, Glauber não era só essa pessoa, ele era sobretudo uma pessoa que chegava aqui, ficava sentado, não era exibicionista. Glauber era, sobretudo, humano, amigo, dedicado



aos amigos. Há no Brasil um jornalista famoso, amigo nosso, Noé Spina. A revolução o perseguiu, Glauber levou para o Rio, na Tribuna da Imprensa, depois colocou no Jornal do Brasil, onde foi chefe da redação de economia.

Glauber levou, no Jornal da Bahia, que Joca dirigiu, levou todos nós para o Diário de Notícias, Inácio de Alencar. Era um comandante, era um amigo. As ideias dele enalteceram-no, mas para os amigos que vejo aqui, é este Glauber que me lembro. Perdoem-me porque assisti a muitas conferências de Glauber, não tive coragem, porque me lembrava de Shakespeare “quando não tiver uma boa ideia, é melhor ficar calado”.

Mas, hoje, eu quis assumir o risco, porque não podia permitir que indo tantas e tantas vezes, ouvisse o Glauber, não ouvisse uma palavra do amigo, Glauber vir à Bahia para procurar filmes. Toda segunda-feira, ele dirigia um fusquinha para Feira de Santana. Quando ele voltava, eu desembolsava o dinheiro da passagem, porque ele não tinha. Ele articulou o empréstimo do Banco da Bahia, através de Edvaldo Brito e não conseguiu.

Então, essa minha intervenção é só para enaltecer o amigo Glauber. Falar de Glauber me lembra o grande acadêmico, Juliano Amado. Entrou na Academia e foi saudado por um grande acadêmico. Ele saudou o acadêmico e disse: “Seu discurso foi brilhante, mas convenhamos, o objeto do discurso era muito fácil”.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



2058-I

Ses. Esp. 20/10/11

Or. Roque Araújo

Sessão Especial pela Passagem dos 30 anos de morte de Glauber Rocha, proposta pelo Deputado Álvaro Gomes.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Queria registrar também a presença de Iara Santos, que representa o deputado Fabrício Falcão, que manda um abraço para todos os presentes. Não pode participar, está em viagem, mas parabeniza a sessão e manda um abraço, ele que é também de Vitória da Conquista.

Registrar também a presença de Eduardo Domingos.

Concedo a palavra a Roque, para que possa fazer o pronunciamento.

O Sr. ROQUE ARAÚJO:- Muita coisa que ia falar aqui, o amigo Guerra acabou de falar, sobre Glauber. Mas, primeiro, quero agradecer ao nosso ilustre deputado, e para esses amigos de Glauber, gostaria que dessem uma salva de palmas para nosso deputado por esta iniciativa de lembrar o nome de Glauber. (Palmas)

Deputado, eu convivi com Glauber de 1959 a 1981, até os seus momentos finais. Aqui, e no país e fora, eu era a pessoa que guardava tudo que ele tinha de mais sagrado, de maior segredo, vivia em minha mão e não na mão da família de Glauber. Até hoje, aí D. Moça, Paloma, a filha, que para qualquer lugar que ela fosse viajar, só viajaria comigo, que era a pessoa que Glauber teria confiança de conduzir a filha para qualquer parte.

Tenho comigo guardado até hoje documentos que não dei para a família, sabe que vive comigo, porque Glauber entregou perante a família dizendo: “Roque, isso aqui da tua mão para a minha.” Então, na época da ditadura, tenho algumas cartas que, hoje, se fossem lidas, teria muita complicação, porque são cartas que citam nomes de pessoas que deveriam ir hoje ao Poder Público.

Então, conheci vários Glauberes. Conheci Glauber cineasta, político, jornalístico e conheci Glauber ser humano. Esse, ninguém conhece mais do que eu. Glauber era uma pessoa de uma forma que poderia estar em qualquer lugar, em qualquer restaurante sentado, comendo o melhor prato junto conosco e chegasse um técnico de cinema, qualquer coisa, ele



perguntava: “E, aí, está tudo bem? Está. Como é que você está financeiramente?” Respondiam-lhe: “Se o senhor me desse o dinheiro do transporte, eu lhe agradeceria.” Ele metia a mão no bolso e o dinheiro que saísse ele entregava. Esquecia que, depois daquilo, teria que pagar a despesa. Ia tomar dinheiro emprestado na mão de outro colega para pagar.

Glauber era assim, era um cara humano. Por ele ser tão humano que me chamou, antes de viajar para o festival de Veneza, entregou-me 38 horas de negativo e copião. Mandou que eu vendesse para uma fábrica de vassoura que tem na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, para adquirir um dinheiro para mim, pois ele, quando voltasse, não iria mais para o Rio, viria para a Bahia. E se eu não quisesse vender para a fábrica de vassouras, derretesse, tirasse a prata e fizesse o colar para D. Lúcia e o resto seria meu.

Eu fiz isso. Guardei todo material e montei um filme onde mostro a imagem de Glauber viva para a nova geração. Chama-se *No Tempo de Glauber*. Eu mostro ele dirigindo o seu próprio filme.

Uma outra coisa muito importante que eu gostaria que esta Casa fizesse para as escolas públicas, não digo escola particular, mas para as escolas públicas, é para que elas vejam os filmes de Glauber, que lesem os livros de Glauber, pois, na Bahia, a terra onde ele nasceu, Vitória da Conquista, e saiu para conquistar o mundo e botar a Bahia em primeiro lugar dentro da indústria cinematográfica, muitos estudantes de 2º grau não conhecem Glauber, não sabem quem foi Glauber. Isso é uma vergonha para a nossa Bahia.

Acho que esta Casa deve obrigar as escolas públicas a terem o livro de Glauber, o romance que Glauber escreveu, e que os filmes dele sejam vistos. É isso, Excelência, que eu gostaria de pedir ao senhor.

Há outra coisa que a Bahia está em débito até hoje. O *Tempo Glauber* está no Rio aos trancos e barrancos. A Bahia prometeu trazer o acervo para cá. Há três anos foi assinado um contrato com Paloma Rocha, para vir para Bahia o *Tempo Glauber* ou, pelo menos, uma cópia. Isso não aconteceu até agora. Peço que esta casa faça isso.

Meus amigos, queiram me desculpar por essa minha angústia. Sou uma pessoa que, em nome de D. Lúcia, em nome de Paloma, tenho autoridade para defender, em qualquer lugar, o nome de Glauber. Esse vive comigo a vida toda.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

Acabei de fazer um filme que está na mão de Joca e se chama “*Glauber em Defesa do Cinema Brasileiro*”.

Viva Glauber! Viva o cinema brasileiro! Viva o povo baiano! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



2059-I

Ses. Esp. 20/10/11

Or. Walter Queiroz

Sessão Especial pela Passagem dos 30 anos de morte de Glauber Rocha, proposta pelo Deputado Álvaro Gomes.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Já estamos chegando à fase de encerramento da nossa sessão especial.

Convido Walter Queiroz, que vai fazer uma homenagem a Glauber. Após esta homenagem, encerraremos a sessão.

O Sr. WALTER QUEIROZ:- Exmº Sr. Deputado, autoridades presentes, amigos de Glauber, meu querido Joca, o “Pena de Aço”, estou muito feliz com a sua volta e a Bahia cada vez mais honrada com a sua coragem e a sua inteligência.

Seguramente, pela vida afora, uma honraria me acompanhará: ter trabalhado com Glauber Rocha e ter musicado parte do *Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro*, uma obra-prima do cinema universal, mais do que brasileiro, como tenho a certeza que atestaria o grande crítico baiano e brasileiro André Setaro, aqui presente. (Palmas)

Ao longe, vejo a figura de Tuna Espinheira, grande cineasta baiano. É um prazer enorme saber que estamos juntos nesta empreitada.

Para ser breve, quero dizer da alegria de ter sentado ao lado de Antônio Guerra Lima, que, seguramente, foi um dos grandes amigos que Glauber teve na vida. Pouca gente conheceu tanto o espírito da obra desse homem. É um prazer. Saiba que seguramente Glauber mandou um abraço para você neste momento.

Grande amigo Joca, Joaci Góes, enfim, todos aqui presentes, serei breve e rápido.

A música é grande porque tudo em Glauber era grandioso. E a missão me foi confiada por João Ubaldo Ribeiro, aliás, nunca esquecer, Joca, do grande amigo de Glauber, João Ubaldo Ribeiro.

Eu tinha apenas 22 anos e, diante dessa missão extraordinária, entreguei o espírito a Deus e disse: “Seja o que Deus quiser”. Ele me esperou no Hotel da Bahia com aquela cara fantástica, com aquela voz abaritonada, sempre enquadrando, com uma frase que eu acho



emblemática e genial: “Não diga que me viu, para a sua própria segurança”. (Risos) Era esse o Glauber. E eu cantarolei para ele, e agora vou cantar do meio para o fim porque não dá tempo. Mas só para vocês sentirem a vibração que esse homem me passou.

Outra coisa importante que eu quero lembrar, basicamente, é que essa letra é de Glauber, eu apenas copidesquei e dei forma poética. Implorei a sua parceria, e ele disse: “Já sou um homem de múltiplos talentos; o Brasil não gosta. Só assine você e tal...” Então fiquei como compositor.

(Canta): “Quando vi ele chorando eu disse/ quando eu vi ele chorando eu disse/ evem os ajudantes da miséria/ e desenterrei as roupas da minha avó e dei pra ela/ e para ele eu dei o nome de Coirana, a cobra venenosa/ e viramo errante pelos caminhos, pelas feiras, pelos lixos, enterrando os infelizes/ até que viemos esbarrar nessa cidade/ até que viemos esbarrar nessa cidade/ e aí nessa cidade eu vi, juro irmão que não minto/ os home feito piranha devorando outros famintos/ E se o sol quebrar a vidraça/ se o sol quebrar a vidraça/ se o sol quebrar a vidraça/ se o sol quebrar a vidraça, chega então o dia da graça/ mas isso só acontece/ se o sol quebrar a vidraça/ se o sol quebrar a vidraça.”

Viva Glauber Rocha! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 20/10/11

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- A Assembleia Legislativa da Bahia se sente engrandecida por estar homenageando o grande cineasta Glauber Rocha.

Gostaria de agradecer a presença de João Carlos Teixeira Gomes, companheiro Joca, que fez uma belíssima exposição; do ex-prefeito de Salvador e ex-deputado federal Virgildásio Sena; de Walter Lima; de Joaci Góes, grande escritor da Academia de Letras da Bahia; André Setaro, professor da UFBA, de Cinema; agradecer a Roque Araújo, amigo, fez também esse belo depoimento; Guerra também fez um grande depoimento; Tuna Espinheira e Sante Scaldaferri, nas pessoas deles dois agradeço a presença de todos os presentes a esta sessão especial. Há, também, Waltinho Queiroz, que fez uma apresentação bonita, e o nosso camarada Fábio Paes, que fez, no início, uma brilhante apresentação.

Então, começamos com uma grande apresentação musical, artística, e terminamos com outra grande apresentação.

Portanto, a Assembleia Legislativa da Bahia agradece a presença de todos e tenham a certeza todos e todas aqui presentes de que a Assembleia Legislativa continuará lembrando esse grande nome e estimulando o cinema na Bahia.

Conversava com alguns cineastas no início, é preciso que o Estado da Bahia retorne à questão dos editais anuais para o cinema como forma de estimular o cinema, esse potencial extraordinário que temos aqui na Bahia e que precisa ser estimulado e não se pode deixar adormecido.

O Roque fala da questão do Tempo Glauber e a Assembleia Legislativa vai buscar como contribuir para essa questão dos editais anuais, seja para a questão do Tempo Glauber, seja para a questão do estímulo à criação cinematográfica aqui no Estado da Bahia que, sem dúvida nenhuma, é um grande potencial.

Eu queria agradecer a presença de todos vocês, amigos e contemporâneos de Glauber, Ângelo Roberto também, todos que prestigiaram esta comemoração.

Em nome do Poder Legislativo, declaro encerrada a presente sessão especial.